

Relação entre indivíduo, sociedade e educação: uma leitura a partir de Norbert Elias

Cristiane Pereira Peres 

Mariclei Przylepa 

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil.

Resumo

O artigo objetiva analisar as contribuições de Norbert Elias no campo social e educacional para a construção do indivíduo. Para tanto, toma-se como referência fundantes duas de suas elaborações teóricas, a saber: *O processo civilizador: formação do estado e civilização* (1993) e *A sociedade dos indivíduos* (1994). As reflexões suscitadas, a partir dessas obras, buscam evidenciar a sociedade dos indivíduos, o processo civilizatório, a produção da cultura e da educação. Portanto, as análises de Elias contribuem significativamente para a compreensão dos contextos sociais e educacionais na contemporaneidade, uma vez que explicitam os condicionantes socioeconômicos, históricos, tecnológicos e culturais inerentes à vida social em sua totalidade.

Palavras-chave: Educação; Indivíduo; Sociedade.

Abstract

Relationship between individual, society and education: a reading from Norbert Elias

The article aims to analyze the contributions of Norbert Elias in the social and educational field to the construction of the individual. For this purpose, two of its theoretical elaborations are taken as reference, namely: *The civilizing process: formation of the state and civilization* (1993) and *The society of individuals* (1994). The reflections raised, based on these works, seek to highlight the society of individuals, the civilizing process, the production of culture and education. Therefore, Elias' analyzes contribute significantly to the understanding of social and educational contexts in contemporary times, since they explain the socioeconomic, historical, technological and cultural conditions inherent to social life in its entirety.

Keywords: Education; Individual; Society.

Resumen

Relación entre individuo, sociedad y educación: una lectura de Norbert Elias

El artículo tiene como objetivo analizar las aportaciones de Norbert Elias en el ámbito social y educativo a la construcción del individuo. Para ello, se toman como referencia dos de sus elaboraciones teóricas, a saber: *El proceso civilizador: formación del estado y civilización* (1993) y *La sociedad de los individuos* (1994). Las reflexiones planteadas, a partir de estos trabajos, buscan resaltar la sociedad de los individuos, el proceso civilizador, la producción de cultura y la educación. Por tanto, los análisis de Elías contribuyen significativamente a la comprensión de los contextos sociales y

educativos en la época contemporánea, ya que explican las condiciones socioeconómicas, históricas, tecnológicas y culturales inherentes a la vida social en su totalidad.

Palabras clave: Educación; Individual; Sociedad.

Introdução

A cultura está no plano intelectual e abstrato, para Elias¹ (1993), usa-se para legitimar a hegemonia dominante e é uma forma de autoafirmação social dos abastados. Já a civilização está no plano prático e concreto, uma vez que são os atos dos indivíduos singulares agregados uns aos outros que os tornam universal e produzem ou não a civilização.

Para Elias (1993), a civilização

[...] refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, aos desenvolvimentos dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que pode se descrever como civilização (p. 23).

Logo, o indivíduo não pode ser compreendido por um viés simplista, em que é moldado, unicamente, pela sociedade. Ele, também, age e reage em sociedade, contribuindo com a construção social e educacional. Assim, a ação do indivíduo resulta da “coerção” da sociedade e do próprio indivíduo em seu processo de individualização. Neste sentido, as relações sociais são elaboradas para e pelos homens e visam a atender as demandas do momento histórico em que estão inseridos.

Nesta direção, as duas obras referenciadas neste estudo são elucidativas, pois, em *O processo civilizador: formação do estado e civilização*, Elias (1993) analisou o processo de civilização do indivíduo, investigando as mudanças nos padrões sociais e como os indivíduos percebem e agem diante das transformações, modificando seus comportamentos e emoções por meio do desenvolvimento do autocontrole. Já na obra *A sociedade dos indivíduos* (1994), abordou a relação entre a pluralidade de pessoas e a pessoa singular, investigando como os seres humanos individuais unem-se uns aos outros

¹ O sociólogo Norbert Elias nasceu em Breslau no ano de 1897 e faleceu em Amsterdã em 1990. Formado pelas Universidades de Breslau e Heidelberg, lecionou na Universidade de Leicester (1945-1962) e foi professor visitante em universidades da Alemanha, Holanda e Gana (informações retiradas da orelha da obra “A Sociedade dos Indivíduos” publicada no ano de 1994).

numa pluralidade, formando a sociedade dos indivíduos, construída na relação de interdependência com o contexto histórico, social, cultural, econômico e educacional.

No entanto, somente a partir do século XX, a Sociologia passou a se preocupar com o indivíduo na sua singularidade. Os estudos não mais centralizaram as análises exclusivamente no grupo, mas passaram a focar também no indivíduo. Neste contexto, as análises de Elias (1994, p. 21) foram fundamentais ao salientar que o indivíduo “[...] por nascimento está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida”, e a sociedade só existe porque há um expressivo número de pessoas, continua a funcionar porque inúmeras pessoas, de forma isolada, querem e a fazem. Essa diversidade de pessoas, em organizações sociais, contribui com a configuração de diversas e distintas sociedades.

Elias referenda suas análises na Sociologia Configuracional² e concebe a relação indivíduo e sociedade para além de qualquer concepção social totalizadora e individualista. Vê o indivíduo em composição com o grupo, em que na sua singularidade relaciona-se com outros em uma relação plural, que é a sociedade. Neste sentido, a sociedade são todos os indivíduos que formam a rede de relações. A sociedade é formada por interesses oriundos do processo de individualização, compondo posteriormente interesses que podem passar a representar grupos. Essas relações constroem as figuras sociais.

Porém, ressalta-se que essa rede é estabelecida e mantida por processos conflituosos, tendo em vista que “[...] a vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões” (ELIAS, 1994, p. 20). O reconhecimento das tensões cria condições para que o indivíduo intervenha nos espaços sociais aos quais pertence. Os indivíduos possuem perspectivas distintas do mundo e se relacionam de modos particulares, de acordo com a sociedade na qual estão inseridos, e os modelos sociais de autorregulação são passados de geração para geração e pelas instituições escolares, com rupturas de condutas, permanências e transformações. Como afirma Magalhães (2004),

[...] a educação/instituição traduz toda a panóplia de meios, estruturas, agentes, recursos, mas também as marcas socioculturais e civilizacionais que os estados e outras organizações mantêm em funcionamento para fins de permanência e mudança social (p. 15).

² Para Elias (1994), “a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência” (p. 25).

As distintas perspectivas de se conceber o mundo encontram-se enraizadas no sujeito e se materializam, também, no espaço educacional. Portanto, torna-se necessário compreender o indivíduo no processo de escolarização como um ser social que controla suas emoções em um processo civilizador, tendo em vista que já possui conhecimentos vindouros de sua rede de relações sociais. Nesta concepção, a educação necessita ser “observada” e trabalhada sob o prisma social, coletivo e singular.

O aluno é capaz de absorver e apresentar conhecimentos e comportamentos a partir de um processo racional que implica em mudanças para o próprio indivíduo, ante as regras de civilidade adotadas e praticadas por uma pedagogia do controle das emoções e dos comportamentos, constituídas por meio da relação entre a psicogênese e a sociogênese. Nesse sentido, as práticas escolares podem sim contribuir com o condicionamento dos indivíduos, tornando-os civilizados na cultura inerente à classe dominante, já que:

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças as quais uns «representantes» (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 2002, p. 23).

Cabe, então, à escola romper com os padrões sociais e culturais eurocêntricos que são inculcados nos indivíduos como modelos a serem seguidos. Para tanto, necessitam construir discussões que permitem a emancipação dos sujeitos, ou seja, a construção de conhecimentos que os levem a perceber as contradições sociais inerentes ao contexto vivenciado, para que, dessa forma, sejam capazes de intervir nesses padrões. As percepções sociais, nesse sentido,

[...] não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

A partir das contribuições de Elias, é possível analisar e compreender a interdependência entre indivíduo, sociedade e educação, construída e mantida pelas necessidades individuais, como também pelas exigências sociais. Isso porque uma das condições basilares da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas, e a historicidade de cada indivíduo ao longo do seu crescimento, até chegar à vida adulta, à vida em sociedade e em grupos sociais.

Nas considerações, a seguir, busca-se um maior aprofundamento da análise da relação entre indivíduo e sociedade, com ênfase no indivíduo, na sua individualização social, a partir das relações firmadas também nos espaços educacionais que permeiam um processo de autorregulação e autocontrole individual.

A construção do indivíduo na sociedade

A sociologia tradicional possuía como centro de análise o grupo. Somente após o século XX, o indivíduo passou a ser considerado na sua singularidade, a partir de análises processuais e relacionais. Os aportes epistemológicos de Elias contribuíram com o rompimento de uma análise dicotômica entre indivíduo e sociedade. O indivíduo passou a ser visto, ao mesmo tempo, em uma perspectiva individual e social.

Na concepção de Elias (1993; 1994), o próprio termo *indivíduo* recebe uma conotação de entidade autônoma, considerando suas diferenças e singularidades. Para o autor, as singularidades do indivíduo compõem a rede de relações, a qual é construída mediante a origem do indivíduo, a autorregulação social e o autocontrole. Adverte que nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo. Acrescenta que o controle social é imposto por normas de condutas que geram limitações e medos aos indivíduos. Como exemplo, no processo civilizador, a internalização da vergonha é um mecanismo eficaz de autocontrole das funções emocionais e corporais dos indivíduos.

Assim, a educação precisa ser emancipadora e não limitadora nas construções individuais e coletivas dos indivíduos, uma vez que ensinar é “[...] criar possibilidades para a produção e construção do conhecimento” (FREIRE, 2015, p. 24). Elias (1993) apresenta que no processo de civilidade ocorre uma alteração no equilíbrio entre o controle externo e o autocontrole, favorecendo o autocontrole. O processo civilizador proporciona mudanças, a longo prazo, na conduta e nos sentimentos humanos e, assim, o homem “educado” tornar-se-ia capaz de controlar seus impulsos, suas paixões e a convivência em sociedade é facilitada.

Logo, a individualidade só pode ser analisada e compreendida quando se observa também as relações sociais, pois é identificada e afirmada quando o indivíduo passa a ter um controle sobre si. Assim, para Elias (1994), o indivíduo sempre vai existir na relação com o outro, e as relações são particulares e distintas de acordo com a sociedade na qual o indivíduo encontra-se inserido. O autor ainda apresenta que “[...] cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte” (p. 27).

Nesse sentido, o “[...]” modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas” (p. 26). Nesse processo, o indivíduo passa pela individualização e desenvolve o controle sobre si, assimilando e/ou rejeitando padrões determinados pela sociedade. Ainda que pertença ao mesmo grupo, cada indivíduo possui uma relação única com o grupo, construindo a sua história de forma singular, por meio do fazer e desfazer relações com outras pessoas.

Assim, faz-se necessário que as estratégias de escolarização contribuam com a construção histórica, social, cultural e étnica dos indivíduos, permitindo-os que possuam autonomia para se autorregularem ante as imposições normativas sociais, culturais, políticas, religiosas e econômicas, construindo e afirmando, assim, a sua identidade. Segundo Hall (1997), a identidade

[...] emerge, não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos (p. 8).

Deste modo, as exigências das relações externas e os interesses individuais fazem com que o indivíduo assimile e/ou rejeite determinados signos que farão com que ele se sinta pertencente ao meio no qual está inserido. Como pode, também, atribuir outros significados aos signos assimilados, construindo, dessa forma, outros símbolos com os quais se identifica. Assim, passando a desenvolver um autocontrole das suas emoções e ações em relação ao controle imposto pelo social. Nesse caminhar, a educação possibilita a compreensão e a apreensão da vida individual e da vida social, permitindo, dessa forma, novas descobertas e aprendizados no processo de autorregulação do ser social.

Sabendo que a cultura é dinâmica, a identidade é afirmada com base nas referências culturais presentes em um processo dinâmico, no qual o indivíduo passa por momentos de assimilação, aquisição e negação de outros símbolos culturais. Como afirma Candau (2008, p. 51), “[...] certamente cada cultura tem suas raízes, mas estas raízes são históricas e dinâmicas”.

Evidencia-se, segundo Elias (1993), que o processo civilizador é composto por dois momentos: as mudanças individuais, ocorridas na concepção do indivíduo, e as mudanças sociais, que se configuram no desenvolver dos monopólios, tendo em vista que a civilização não é nem racional nem irracional. Ela é posta e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos por mudanças

específicas na maneira como as pessoas se veem obrigadas a conviver. As redes são estabelecidas e mantidas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, sendo de interesse do indivíduo e/ou do grupo.

Portanto, torna-se importante compreender que, para que o indivíduo chegue ao controle sobre si, ele precisa vivenciar as coações externas, as quais condicionam modelos de comportamentos e emoções, desenvolvendo em um processo de internalização sua singularidade e identidade. Assim, “[...] a individualidade que o ser humano acaba por desenvolver não depende apenas de sua constituição natural, mas de todo o processo de individualização” (ELIAS, 1994, p. 28), de uma relação dialética da realidade vivenciada e dos interesses envolvidos socialmente.

Neste contexto, o desenvolvimento humano perpassa pelo contato com uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar por meio da racionalidade e do autocontrole do próprio indivíduo, frente à autocoerção do grupo que são modificadas no decorrer do tempo e espaço. Ainda nesse caminho, conforme Hall (1996, p. 21), devemos “[...] pensar na identidade como uma ‘produção’, algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação [...]”.

Na concepção de Elias (1993), a aprendizagem dos autocontroles chama-se de “razão”, “consciência”, “ego” e “superego”, e a conseqüente moderação dos impulsos e emoções mais animais. Logo, a civilização do indivíduo em sua juventude não é um processo indolor, mas sempre deixará cicatrizes. Nesse processo, o indivíduo passa por controles de civilização externos e internos, desencadeando, assim, conflitos em âmbito singular e plural. Isso porque o processo civilizador “[...] se constitui, então, numa mudança na conduta e nos sentimentos humanos, através da implantação de regras comportamentais” (ELIAS, 2011, p. 193-4).

Essa construção dos controles emocionais e comportamentais está conexas à sociedade da qual o indivíduo faz parte, o que irá também determinar suas afirmações e negações. Assim, a formação do indivíduo civilizado depende do estágio do processo civilizador do qual determinada sociedade faz parte, nas vivências das trocas estruturais, que, de acordo com Elias (1994), é resultante de um processo de interdependência operante durante séculos, do indivíduo com outros, e de outros com o indivíduo. Isso ocorre pois “[...] a necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte” (p. 124), logo, assim como há a necessidade da individualidade, existe também a interdependência entre os indivíduos de um mesmo grupo.

Esse processo de inter-relação foi exemplificado por Elias (1994) tendo como base a rede de tecido, em que os diversos fios isolados se unem uns aos outros. Porém, nem a totalidade da rede nem a forma tomada por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles separadamente considerados. A rede só é compreendida quando eles se unem, em sua relação recíproca.

Em suma, concorda-se com Castells (2008) que as transformações ocorridas nos contextos econômico, social, político, cultural e ambiental, na contemporaneidade, interferem, diretamente, na maneira de se conceber e materializar a ciência, o conhecimento, as instituições sociais e os indivíduos.

Em relação à apreensão do indivíduo, neste contexto social, as assertivas de Castells (2008) corroboram com Elias ao considerarem o indivíduo enquanto Ser social e, mais, ao afirmarem que as construções identitárias, as formas de organização social, as relações individuais e coletivas, o pensar e o agir como sujeito e como grupo social interferem na globalização. O contexto global é desafiado pelas expressões de identidade coletiva, pela singularidade cultural e pelo controle que as pessoas possuem de suas vidas e ambientes.

Salienta-se, ainda, que, na visão eliasiana, quando a sociedade é civilizada e educada (autocoerção), as punições são menos necessárias. No entanto, a civilização deve ser resultado da ação dos sujeitos, em um processo contínuo de construção e reconstrução e não de imposição social. Na sequência, passar-se-á a refletir sobre as contribuições de Elias para o campo educacional.

A educação sob a ótica eliasiana

As pesquisas de Elias são formulações teóricas analíticas propositivas de um “olhar” sobre as relações sociais, a partir do indivíduo, de suas emoções e do seu poder de autocontrole. O autor elege a cultura como elemento de hegemonia, do qual a sociedade racional lança mão para prosseguir seu processo civilizador e dominador. Para Elias (1994),

O conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma “Qual é, realmente, nossa identidade?” A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico (p. 25).

A afirmação da identidade do indivíduo perpassa pelo processo dinâmico da cultura, no qual as pessoas e as relações sociais são inúmeras e diversas, contribuindo para o autoconhecimento e reconhecimento étnico e cultural. Nessa perspectiva, cabe à escola contribuir com conhecimentos que levem o indivíduo a vivenciar o processo de reflexão sobre si, sobre o outro e o grupo, construindo seu autocontrole diante de suas concepções e daquelas que lhe são impostas pelas instituições com mecanismos de civilização, como a escola.

Ainda, remetendo-se à configuração,

Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderia nos arriscar a dizer, apenas como pluralidade, apenas como configurações (ELIAS, 2011, p. 249).

Ressalta-se que, a partir dos aportes teóricos do autor, é possível compreender a escola enquanto um espaço social civilizador que trabalha e repassa valores e padrões socialmente aceitos e elegidos como ideal para o indivíduo.

Neste sentido, acredita-se que a escola, muitas vezes, nega e reprime comportamentos e valores que se apresentam diferentes dos exigidos socialmente. Inculca no indivíduo, mediante referenciais civilizatórios, condutas a serem seguidas e reproduzidas no meio social, estabelecendo controles sociais e autocontroles pessoais. Logo, a escola contemporânea necessita construir uma educação (de)colonial, atendendo a toda a diversidade dos indivíduos por meio de um ensino intercultural, rompendo com os discursos eurocêntricos. Para Fleuri (2002):

[...] a perspectiva intercultural implica uma compreensão complexa de educação, que busca – para além das estratégias pedagógicas e mesmo das relações interpessoais imediatas – entender e promover lenta e prolongadamente a formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados que orientam a vida das pessoas (p. 11).

Por meio do ensino intercultural, a escola passou a (re)conhecer e valorizar sujeitos e culturas que até então tinham sido negados por um ensino colonialista, apresentando uma formação errônea e equivocada da sociedade brasileira. Dessa forma, o ensino precisa abordar discussões que trabalhem o “[...] discurso histórico como uma representação e uma explicação adequada da realidade que aconteceu” (CHARTIER, 2011, p. 25).

Assim sendo, defende-se que a inculcação social na contemporaneidade, em sua grande maioria, objetiva a preparação de um novo modelo de homem que justifica “[...]”

ideologicamente o receituário de desenvolvimento via globalização proposto pelo contexto liberal [...]” (ZANARDINI, 2006, p. 73) e busca adaptar as instituições de ensino “[...] aos objetivos econômicos e político-ideológicos do projeto societário da burguesia mundial para a periferia do capitalismo nessa nova etapa do capitalismo monopolista” (SIQUEIRA, NEVES, 2006, p. 81). Nesse processo de escolarização, mantém um condicionamento que quer civilizar o indivíduo por meio de condutas, comportamentos e normas sociais pré-estabelecidas por um determinado grupo social que “socializa” sua cultura “genuinamente legítima” em detrimento da cultura da grande maioria dos indivíduos.

No entanto, os pressupostos teóricos de Elias contribuem para repensar esta modelagem da conduta humana ao propor entender a educação a partir da perspectiva do indivíduo, do Ser que possui seus conflitos, contradições, medos, antagonismos, aprendizados e a partir de suas concepções compreende e age na sociedade. Para Elias, a educação não é técnica, mas, sim, social. Se a escola forma valores, então, seria função social dela construir valores humanos, solidários, justos e dignos que visassem a enaltecer e a emancipar o Ser e não a subordiná-lo à cultura ilegítima do capital humano.

Corroborar-se com Freire (1987) que a educação é um ato político. Por isso, deve contribuir para a emancipação humana e social e nunca servir para modelar a concepção e a conduta em benefício da negação da realidade social vivida pelos Seres, indivíduos sociais, visto que

[...] os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades. Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras (ELIAS, 1994, p. 23).

Nesse sentido, a educação é “[...] uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de ‘ser humano’ [...]” (LIBÂNEO, 1998, p. 22). Logo, deve atender à diversidade étnica e cultural dos discentes, contribuindo com a construção de (re) conhecimento, valorização e respeito a toda a diversidade dos indivíduos.

Para Elias (1994), a construção do indivíduo e/ou aluno enquanto ser cognoscente ocorre, preponderantemente, na dinâmica do processo social vivenciado nos grupos sociais, dentre eles, destaca-se a escola. Sendo assim, defende-se que o espaço escolar pode e deve ser um lócus fecundo para a problematização e a apreensão do real vivido pelos indivíduos, contribuindo com a sua formação enquanto Ser individual, e posteriormente, em sua relação com o outro e o grupo.

No entanto, salienta-se que, para consolidar a escola como esse lócus, o papel do educador torna-se prerrogativa fundante, bem como sua relação dialógica³ com os educandos e com mundo social, uma vez que, nas palavras de Freire (1987, p. 63), “[...] ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Portanto, destaca-se a relevância no ato educativo, do exercício da prática problematizadora para o distanciamento, a reflexão e a compreensão do contexto social que nos é apresentado por meio da cultura, da política, da mídia e dos grupos sociais. O próprio Elias (1991) suscita tal exercício ao afirmar que:

Por vezes é útil, para compreender melhor as questões da actualidade, afastarmo-nos delas em pensamento para depois, lentamente, a elas regressarmos. Compreendêmo-las, então, melhor. Pois quem se embrenha apenas nas questões do momento, quem nunca olha para além delas, é praticamente cego (p. 13).

O autor, também, encaminha para este exercício ao investigar a sociogênese do Estado e denunciar que o monopólio da cultura dominante privilegia uma minoria rica que faz valer o seu *status* de modelo social a ser aceito, legitimado e seguido pela maioria desprovida. Nesta direção, ele sugere a reflexão entre a mudança na estrutura da sociedade e a mudança na estrutura do comportamento, tendo em vista que os processos históricos vividos pela sociedade não são naturais, muito pelo contrário, são sociais e culturais. Por isso, nossos hábitos e costumes são resultados de uma cultura elitista, multável que nos é imposta ao longo dos séculos sob o viés do natural (ELIAS, 1994).

Nesta mesma perspectiva, o autor propõe para a compressão da civilização contemporânea a leitura nas estrelinhas da origem dos padrões, das regras e dos hábitos sociais, ou seja, a humanidade necessitaria se questionar (problematizar): De onde veio? Por que seguir esses e não outros? A quem eles beneficiam? Essas e outras problematizações contribuiriam de forma significativa para elucidar o domínio civilizatório de uma classe sobre a outra e, talvez, assim, ocorresse a emancipação humana.

Neste processo de emancipação humana, reitera-se o papel social da educação, pois a leitura crítica de mundo sugerida por Elias consubstancia-se na problematização e na interdisciplinaridade entre a psicogênese, a sociogênese e a tecnogênese, elementos constitutivos da humanidade social que podem ser compreendidos e trabalhados na e pela escola.

³ Freire (1987) ressalta o diálogo como “o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo para pronunciar-lo”. Desenvolve uma pedagogia baseada no processo de conscientização crítica da realidade (p. 93).

Reitera-se, ainda, que nas análises de Elias, as complexidades nas relações sociais são decorrentes da diversidade de indivíduos e sociedades, com emoções, condutas, padrões, modelos e anseios distintos, que se relacionam em diferentes espaços e contextos culturais. Nesse contexto social diversificado e dinâmico, os processos civilizadores não são estáticos e lineares, são constituídos no decorrer do tempo mediante as conexões que vão sendo firmadas entre indivíduos e sociedade. Assim, frente a este processo dinâmico, os mecanismos de controle de condutas dos indivíduos sofrem transformações e conflitos ao longo do tempo, de acordo com a individualização dos sujeitos e com a sociedade à qual pertence. Nesse viés, é por meio das assimilações, rejeições e novas construções simbólicas que o indivíduo afirma a sua identidade. Assim,

[...] a memória e a identidade exercem grande ligação, sendo a primeira o elemento constituinte do sentimento de identidade, e que essa identidade é um elo com a história passada e com a memória do grupo, onde a identidade é fortalecida através da memória, sendo que esta última mantém a coesão do grupo (LE GOFF, 1992, p. 16).

Nesse viés, para Elias (1994), só pode existir uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela usufruírem de satisfação suficiente. Além disso, só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais justa e igualitária.

Os conflitos aumentam à medida que a desigualdade social e econômica também aumenta. Quanto mais desigual for uma sociedade, mais acentuados serão os conflitos e os controles sociais, tendo em vista que, no processo de individualização, o indivíduo vai desenvolvendo o autocontrole das suas emoções e comportamentos diante dos padrões sociais que já são estabelecidos desde o nascimento.

Portanto, se por um lado os padrões sociais desiguais já se encontram estabelecidos pela hegemonia da cultura dominante, por outro lado ocorre a mudança do Ser indivíduo em sua singularidade, bem como por meio da convivência com outro. Esta convivência é construída e experienciada no contexto escolar. Assim, entende-se que a educação possui um papel fundante para emancipar os indivíduos na apreensão do real que os cercam e, desta forma, instrumentá-los na busca da equidade social.

Algumas considerações

Sem a pretensão de ser exaustivo nas reflexões acerca das contribuições teóricas de Norbert Elias, este artigo abordou o processo de individualização do indivíduo

na configuração social ante o processo civilizador e a relação de interdependência entre os indivíduos e o grupo, mediante as relações sociais e educacionais.

Por meio da teoria eliasiana, é possível compreender que a civilização desenvolveu e desenvolve uma rede que delinea a configuração das relações humanas, mediada pelo controle de condutas do indivíduo. Os estudos também contribuem para a compreensão dos comportamentos e emoções dos indivíduos desenvolvidos na rede de relações que é constituída por interesses individuais e do grupo.

Ressalta-se que o aporte teórico de Elias colabora, de forma significativa, com a reflexão acerca do processo de escolarização dos indivíduos e os condicionantes de seus comportamentos para a manutenção do *status quo*. Clarificou o poder hegemônico da cultura dominante e do jogo simbólico para sua legitimação e manutenção. Evidenciou, ainda, o processo civilizatório enquanto processo histórico, materializado pela dimensão social e cultural, e desmistificou o viés naturalizador e “neutro” dos valores e costumes perpassados ao longo dos séculos para a humanidade.

Em síntese, a apreensão da teoria eliasiana possibilita aos indivíduos a compreensão de si, enquanto Ser individual e social. Ademais, proporciona um “olhar” para a cultura como artefato social, dinâmico e passível de mudança, ao observar a sociedade como processo histórico condicionado e mantido pela cultura do grupo hegemônico. Busca, por meio da educação, a civilização do indivíduo não por modelamento de comportamentos e atitudes referendadas socialmente pela elite dominante, mas por processos emancipatórios sociais que suscitem a construção do sujeito individual e social capaz de se compreender e compreender a sociedade, além de agir criticamente no contexto em que vive.

Defende-se que uma sociedade será realmente civilizada quando todos os indivíduos usufruírem de todos os bens e serviços sociais produzidos pela humanidade e, ainda, quando a justiça social for prerrogativa da condição e da vida humana em sociedade.

Referências

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100005>

- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 6. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2008.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Difusão Européia do Livro, 2002.
- _____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez., 2011.
- ELIAS, N. *A condição humana*. Lisboa: Difusão Européia do Livro, 1991.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização volume 2*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1993.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes volume 1*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011.
- FLEURI, R. M. *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2015.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.
- _____. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 24, p. 68-75, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo, SP: Cortez, 1998.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- MAGALHÃES, J. P. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista, SP: São Francisco, 2004.
- SIQUEIRA, A.; NEVES, L. M. W. (Orgs.). *Educação superior: uma reforma em processo*. São Paulo, SP: Xamã, 2006.
- ZANARDINI, I. M. S. *A ideologia da pós-modernidade e a política de gestão educacional brasileira*. 2006. 153 fls. Tese (Doutorado em educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

Submetido em: 20/07/2020

Aceito em: 20/10/2020

Sobre os autores

Cristiane Pereira Peres

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação (PPGedu), pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES).

E-mail: cristiapereira@hotmail.com

Mariclei Przylepa

Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação (PPGedu), pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora coordenadora efetiva na Rede Municipal de Educação de Dourados-MS. Membro do grupo de pesquisa Estado, Política e Gestão da Educação (GEPGE/UFGD).

E-mail: maprzylepa19@gmail.com